



Luiz Carlos Sá

# Minha (quase) Empolgante história: ser ou não ser?!

## Episódio II – Abalei Bangu!

**Depois do primeiro episódio, que você perdeu se não leu a coluna anterior, continuo contando como a música passou em minha vida e o meu coração se deixou levar.**

**D**urval Ferreira – aquele mesmo do mês passado – guitarrista, compositor, ‘bossanovista’ de primeira hora e guru também do meu aprendizado monetário em música, não se conformava em ainda me ver pelos corredores do banco onde ambos trabalhávamos, fazendo aviso-prévio depois de - graças a seus conselhos profissionais - ganhar uns dez salários de banco com meus incipientes sucessos de rádio.

- Rapaz, você não tem família pra sustentar! Mora com os pais! Se manda, vai curtir a vida!

Confessei a ele que eu quase me arrependera de ter pedido demissão do emprego. Acabara me acostumando com aqueles cómodos caraminguás fixos do fim do mês.

- Você mesmo sabe que essa vida é meio instável... Sucesso passa, grana acaba. Se não fosse assim, por que você ainda estaria trabalhando aqui?

- Eu tenho família pra sustentar, tenho responsabilidades. Você não, você é garoto. E já está pensando em casar. Casar pra quê?

Ele sabia que muito da minha insegurança vinha da minha namorada e de meus pais, que me enchiam a cabeça e desenhavam pra mim um pavoroso futuro de músico pobre.

- Pra você é fácil – retruquei, evocando as múltiplas atividades musicais de Durval - Você faz baile com o Ed Lincoln, grava com todo mundo, acompanha cantor, ganha direito autoral e ainda se vira aqui no banco.

Durval deu risada.

- Claro! Nessa profissão quem não joga nas onze não faz gol!

Recostou-se na cadeira, olhou pra mim como que me avaliando e falou:

- Vamos fazer o seguinte: dá um pulo lá em casa, mostra pra mim umas músicas tuas. Eu te apresento a uns produtores aí, umas gravadoras... Você tem razão, segurança nessa profissão é difícil. Mas começando direito, é só ir em frente.

Combinamos tudo e já no fim da semana eu tocava a campainha do seu apartamento num edifício da praça São Salvador,

oásis carioca na fronteira Flamengo-Laranjeiras. Toquei, cantei e me fascinei com a batida de samba de Durval, marca registrada dele numa época em que a mão direita no violão era quase tudo. Equipado com o velho, valente e sonoro Di Giorgio 36 do meu pai, mandei não menos bala. Estava no auge da forma, tocando direto o dia inteiro em horas vagas e não vagas. Durval ficou nitidamente surpreso com o meu desempenho como instrumentista:

- Olha só! Gostei dessa batida aí! Que legal!

No final do dia, eu estava deslumbrado com a óbvia admiração do meu ídolo. Levantei pra ir embora. Durval me levou até a porta, parou, pensativo, passou o braço por meus ombros e me conduziu de volta pra sala:

-Senta aí. Diz uma coisa...

Fiquei estático, sentindo que alguma coisa de importante vinha chegando na minha vida.

- Quer ganhar uma graninha extra?

Oba.

-?!...

- O seguinte: semana que vem eu tenho um show com a Dóris Monteiro lá em Bangu, no clube...

-?!...

-Só que eu não vou poder ir e tenho que mandar alguém pra acompanhá-la. É coisa fácil: umas dez músicas, tudo conhecido. Só ela e violão.

**A cifra virou isso mesmo: uma cifra. Indecifrável. O suor escorria por dentro do *smoking* e desembocava nos meus dedos. O braço da guitarra virou um ringue de patinação**

---

-?!!!...

- Acho que você pode dar conta do recado.

- Séééério?

- Claro, meu bom. Tá na hora de aprender a jogar nas onze!

Naquela noite, não consegui dormir direito. No dia seguinte, já cedo, recebi o telefonema da Dóris. Pra quem não sabe, Dóris Monteiro – ainda hoje atuante – era uma cantora bastante popular, antes precursora e então seguidora fiel da bossa nova. Seu repertório era composto de *standards* Jobinianos/Menescalísticos e alguns sucessos lançados por ela, compostos, na maioria, por Billy Blanco. Antes que eu me desse conta, já estava sentado, duro como pedra, num sofá do apartamento da rua Duvivier, de frente para a diva. Em dois dias, passamos o show inteiro, com detalhes. Tive até a ousadia de incorporar alguns acordes às cifras das partituras que ela me apresentou. Como era lento na leitura, preferi decorar. Na véspera do show, eu sabia tudo sobre o repertório.

Sábado à tarde peguei o *smoking* na lavanderia e fui pra Copacabana. Um carro nos pegou lá e fez a longa – põe longa nisso, nos anos 60! – viagem até Bangu. Lá para as 11 da noite, a banda local parou e entramos no palco. O salão de festas do Bangu Atlético Clube estava lotado, era um baile de gala. Atacamos a primeira música e, de repente, sem mais nem menos, minha cabeça virou um imensurável vazio. Os acordes fugiam dos meus dedos. A cifra virou isso mesmo: uma cifra. Indecifrável. O suor escorria por dentro do *smoking* e desembocava nos meus dedos. O braço da guitarra virou um rinque de patinação onde eu tomava tombo atrás de tombo, perdido, acabado ante os olhares espantados de Dóris e do pessoal da banda, que acabou por pegar seus instrumentos pra me socorrer. Ela, profissionalíssima e experiente, levou o show até o final, mas o público percebeu que havia algo de muito errado ali atrás: eu.

Não me perguntem como cheguei até o camarim. Trêmulo e quase aos prantos, fiquei um longo tempo sentado no escuro, ‘acachapado’ pelo meu primeiro e enorme fracasso profissional, enquanto os acordes certos, agora sim, passavam pela minha cabeça na sucessão lógica e exata de um carrossel de parque de diversões.

Lá pelas tantas, um músico da banda bateu na porta e entrou. Perguntou como eu estava e me deixou nas mãos um copo de uísque com gelo:

- Toma isso aí que vai te fazer bem.

Ao sair, sorriu-me, solidário:

- Não se impressiona não, garoto. Isso acontece com qualquer um.

Não me lembro de como voltei de Bangu. Não me lembro do que Dóris me falou, tentando me consolar. Não me lembro se dormi ou não naquela noite, se recebi ou não aquele imerecido cachê, que fim, enfim, levei.

Na segunda-penosa-feira cheguei devagar no banco. Durval estava ao telefone em sua fantástica sala envidraçada. Depois, eu já sentado no meu posto, ele veio falar comigo:

- Rapaz! O que é que houve?

Respondi, sem sequer olhar pra cima:

- Não sei. Branco total.

Aí sim, olhei pra cima. Pelo menos coragem de reconhecer minha ousadia extemporânea eu tinha que ter:

- Não é isso, Durval. Não sirvo pra isso.

- Calma, garoto. De repente, eu te pus no fogo cedo demais... E deu risada!

Uns tempos após, eu estava no escritório do produtor João Mello, na então Philips, depois Polygram, quando Roberto Menescal – que também era fã das minhas levadas de samba – me chamou do lado de fora:

- Sá, vem cá! Era justo de você que eu estava precisando!

Descemos para os estúdios no andar de baixo. Menescal estava gravando uma faixa não me lembro pra quem e achava que o violão tinha que ser meu. Pôs-me seu instrumento na mão, a partitura cifrada na frente e deu-me um canal inteiro, numa época em que um estúdio de quatro canais era *state of the art*.

Mas Bangu, traíçoeiro, voltou na minha cabeça. Não consegui acertar quatro compassos seguidos. Menescal, perplexo, não entendia o que estava acontecendo, enquanto meus dedos endureciam, artríticos. Menescal foi simpático:

- Sabe, que não é a primeira vez que eu vejo isso? – ele falou – Certas levadas só dão certo com as músicas originais. O compositor faz suas próprias levadas pra suas próprias composições e ponto final. Não funciona com outras músicas.

E assim, durante um longo tempo, tive que me conformar em só tocar coisa minha, até me livrar do trauma. Mas até hoje, nas (graças aos céus) raríssimas ocasiões em que tenho que tocar música dos outros, ensaio que nem louco. De preferência, corro de canjas, a não ser que sejam apenas vocais. Porque, quando parto pra tocar a criação alheia, vejo diante de mim o rosto espantado de Dóris Monteiro, a risada sonora de Durval Ferreira, o músico da banda do clube me oferecendo o copo de uísque... E lembro da trágica noite em que abalei Bangu. 